



“Trás-os-Montes”,  
de Reis/Cordeiro

## Contra a fronteira

Um dos destaques do Porto/Post/Doc é a retrospectiva que o certame dedica à obra de António Reis e Margarida Cordeiro, exibindo cópias digitalizadas e com correção de cor da maioria dos seus filmes. Eis uma ocasião para descobrir um *corpus* fortemente antinaturalista, que nasceu para abolir fronteiras: as da ficção e do documentário, as do erudito e do popular... É fácil perceber o entusiasmo com que, em 1974, na “Cinéfilo”, César Monteiro acolheu a primeira curta de Reis. Nunca antes se fizera por cá um trabalho como “Jaime”, onde uma câmara à mão resgata a memória de um trabalhador rural da Covilhã que, em 1938, foi internado no Miguel Bombarda (onde faleceu em 1969). Para tornar presente esse corpo ausente, Reis parte em busca dos vestígios que ele deixou: as cartas, os espaços que marcou e, sobretudo, os desenhos fauvistas que esboçou no final da sua vida. Mas o que é genial é o modo como a própria forma do filme nos instala poeticamente na vida e na obra de Jaime, abraçando a sua lógica através de uma montagem que opera por livre associação (de imagens e sons) e de uma realização que cultiva as notas surrealistas. Um análogo desejo de resgate anima o trabalho que Reis e Cordeiro assinaram em 1976: “Trás-os-Montes”. Trata-se, não já de salvar uma memória individual, mas a memória coletiva do povo transmontano. Com vista a esse fim, o filme apoia-se num elenco de não-atores, seguindo o seu dia a dia por

via de uma narrativa fragmentada, que cruza o documentário e a ficção. Para quê? Para — evitando o etnológico e o folclórico — mergulhar numa cultura onde o real e o imaginário andam de mãos dadas. Não mentiremos se dissermos que está aqui uma das obras mais importantes do cinema português.

Embora seja tentador ler “Ana” (1982) como um prolongamento de “Trás-os-Montes” (têm afinidades geográficas e formais), o tom dos dois filmes não poderia ser mais distinto. Onde antes se falava de uma cultura que se perde, fala-se agora de uma vida que se continua. A testemunha privilegiada dessa continuação é uma octogenária transmontana, que serve de âncora a uma narrativa que se vai pulverizando numa série de microeventos. O que os liga é uma montagem tão labiríntica que poderá levar a pensar que só os cineastas detêm a sua chave. Convém pois dizê-lo: não há aqui enigma algum. E isto porque o segredo de “Ana” reside no modo como a sua montagem promove a comunicação de tudo com tudo (a poesia com a prosa, os homens com a terra, a vida com a morte...), para tecer uma reflexão sobre o ciclo da vida e a maneira como o homem nele se insere.

E não falámos ainda do último filme da dupla: “Rosa de Areia” (1989), que nunca estreou, e que radicaliza a estética antinaturalista e fragmentária das obras anteriores. Não lhes passem ao lado.

/VASCO BAPTISTA MARQUES